



**LUÍS AUGUSTO
FISCHER**

fischerl@uol.com.br

A MARCA DO Z

Quem gosta de livro em papel, como este que vos tecla, sabe o valor de ter acesso a eles e de preservá-los. Comprar livros em livraria, que beleza! Peruar os expositores, furungar numa prateleira, encontrar o que não se estava procurando naquela hora! Folhear, abrir as páginas, até mesmo conter espirro quando se mexe em livro usado, que beleza!

Sei bem que estamos em crise, os que gostam de papel. Crise não terminal ainda, ao contrário do que se profetizou. Se há cada vez menos livrarias, e em Porto Alegre tenhamos realmente umas pouquíssimas dignas do nome, também é certo que o mercado virtual nos deu acesso ao infinito em matéria de livros. (A Estante Virtual acaba de ser comprada pela Cultura. Li uma análise, no site Publishnews, que garante que a compra é menos pelo volume de livros vendidos propriamente, e mais pelo acesso aos dados de preferência dos clientes.)

Nesse mundo todo, uma figura essencial é a do editor. Não apenas o fazedor de livros, o viabilizador do processo industrial e da distribuição, mas também o cara que vive nos livros, que pensa no que vai fazer, que se aproxima de autores, que busca livros para traduzir, que presta atenção ao sutil movimento da opinião pública e dos desejos de sua época. Uma figura, como se vê, de altíssima importância, mas transparente para o leitor comum, que quando pensa em livro tem em sua mente o autor e o vendedor, nada mais.

Foi o caso de Jorge Zahar, editor na plenitude do nome, figura maior do cenário brasileiro do livro a partir dos anos 1960 até há pouco. Ele ganhou uma linda biografia, ilustrada e bem informada, com bons contextos e bom diagnóstico das ramificações que cada vida sabe ter – amigos,

parceiros, obstáculos, tudo isso. Se chama *A Marca do Z*, o autor é Paulo Roberto Pires e a editora é exatamente a Zahar.

GAÚCHAZH.



Leia outras
colunas em
[gauhazh.com/
luisaugustofischer](http://gauhazh.com/luisaugustofischer)